

TRADUÇÃO

GEORGE BERKELEY: FILÓSOFOS MINUCIOSOS

Jaimir Conte*

Nota prévia

O ensaio “Minute Philosophers” é um dos mais de dez ensaios que foram publicados anonimamente no *Guardian* entre março e outubro de 1713 e posteriormente atribuídos a George Berkeley.

Os ensaios publicados no *Guardian* foram reunidos e publicados pela primeira vez apenas em 1871 sob o título “Essays in The *Guardian*” no volume III da edição organizada por Alexander Campbell Fraser. Eles foram escritos durante a permanência de Berkeley em Londres em 1713, quando Jonathan Swift e Richard Steele, seus conterrâneos, contribuiriam para lhe abrir caminho no ambiente literário inglês.

No volume 15, número 2, desta mesma *Revista Litterarius*, publicado em 2016, o leitor encontrará a nossa tradução para o português de outros dois ensaios de Berkeley publicados no *Guardian*: “Uma visita à glândula pineal” e “A glândula pineal (continuação)”. Como já anotamos numa nota inserida naquela tradução, o principal objetivo de Berkeley ao publicar os ensaios foi o de defender o teísmo cristão contra os “livre-pensadores” da época, assumidos como materialistas e ateus.

O ensaio aqui traduzido, sobre os “Filósofos Minuciosos”, antecipa uma ideia que Berkeley desenvolverá mais tarde na obra, em sete diálogos, *Alciphron ou o filósofo minucioso*, de 1732. No *Alciphron* Berkeley jogará com o duplo significado da expressão “filósofo minucioso”.

Por um lado, “minute” pode significar “miúdo” ou “pequeno”, em referência a acusação que o personagem Crito faz aos filósofos que diminuem o valor das coisas devido a sua visão estreita ou limitação intelectual. Como afirma Crito, “os livres-pensadores

* Professor do Departamento de Filosofia da UFSC. E-mail: conte@cfh.ufsc.br

modernos são muito semelhantes aos que Cícero chamou de filósofos minuciosos, cujo nome lhes convém admiravelmente, uma vez que eles constituem uma espécie de seita que diminui todas as coisas mais valiosas, os pensamentos, as opiniões e as esperanças humanas: todo o conhecimento, as noções e as teorias da mente eles as reduzem aos sentidos, apequenam e degradam a natureza humana até o mais exíguo e baixo nível da vida animal, e nos atribuem só uma insignificante porção de tempo em vez da imortalidade.” (*Alciphron*, 1.10).

Por outro lado, “minute” pode significar “minucioso”, em referência ao ponto de vista do personagem que dá título à obra, o livre-pensador Alciphron, como alguém que costuma considerar as coisas com uma particular “perspicácia”, ou seja, de maneira rigorosa e minuciosamente. Na caracterização de Alciphron, a denominação de “filósofos minuciosos” “pode ter derivado do fato de eles considerarem as coisas minuciosamente, e não acreditarem nelas por inteiro sem suspeitas, como outros homens costumam fazer. Além disso, nós todos sabemos que os melhores olhos são necessários para discernir os objetos minúsculos; parece, portanto, que os filósofos minuciosos podem ter sido chamados assim por causa de sua notável perspicácia.”. (*Alciphron*, 1.10).

A tradução aqui apresentada foi realizada com base na edição organizada por Luce e Jessop. *The Works of George Berkeley Bishop of Cloyne*. Luce, A. A. and Jessop, T. E. London and Edimburgh: Nelson, 1948, v. 7, 206-209.

Jaimir Conte

N. 70, Segunda-feira, 1 de junho de 1713.

... *mentisque capacius altae*. (Ovídeo)¹

Enquanto estava outro dia andando sozinho na Catedral de St. Paul, abandonei meus pensamentos na busca de uma certa analogia entre a estrutura daquela construção e a Igreja Cristã no sentido mais amplo. Pareceu-me que a ordem e a economia divinas da segunda foram emblematicamente representadas pela arquitetura proporcional, simples e majestosa da primeira. Além disso, como uma consiste numa grande variedade de partes unidas no mesmo plano simétrico, de acordo com a arte mais autêntica, e segundo proporções muito precisas, do

¹ “...dotado de alto intelecto”, *Metamorfoses*, I, 76.

mesmo modo a outra contém uma adequada hierarquia de seus membros, várias instituições sagradas, doutrinas sublimes e sólidos preceitos de moralidade subsumidos no interior de um mesmo plano, e que tendem com maravilhosa harmonia para uma só finalidade: a felicidade e elevação da natureza humana.

No meio de minha contemplação, vi uma mosca sobre uma das colunas, e imediatamente comecei a pensar que aquela mosca era um livre-pensador. Pois é necessário que o espectador tenha certa amplitude de visão para abranger com um só olhar as diferentes partes de um edifício a fim de observar sua simetria e seu plano. Mas para a mosca, cuja perspectiva estava confinada a uma pequena parte de uma das pedras de uma única coluna, a beleza global do conjunto e a função específica das suas partes eram imperceptíveis, e nada poderia mostrar-se a não ser pequenas desigualdades sobre a superfície daquela pedra cortada, desigualdades que à vista daquele inseto pareceriam como outras tantas rochas deformadas e precipícios.

Os pensamentos de um livres-pensador se concentram em certas particularidades e minúcias da religião, sobre as dificuldades de um só texto, sobre a inexplicabilidade de algumas ações da Providência ou de algum ponto doutrinal para suas estreitas faculdades, sem compreender o alcance e intenção do cristianismo, a perfeição a que ele eleva a natureza humana, a luz que ele irradia sobre o mundo, e a estreita conexão que tem tanto com o bem público da sociedade como com o das pessoas particulares.

Isso fez surgir em mim algumas reflexões sobre essa estrutura ou disposição que se chama de *amplitude mental*, sobre sua necessidade a fim de formar um juízo verdadeiro sobre as coisas, e, onde a alma não é irremediavelmente limitada pela natureza, sobre quais são os métodos mais adequados para ampliá-la.

É evidente que a Filosofia abre e alarga a mente, graças às considerações gerais às quais são acostumados os homens que a estudam, e à contemplação dos objetos mais numerosos e distantes daqueles que se inserem na esfera da vida comum dos homens. É por isso que os filósofos julgam muitas coisas de forma completamente diferente das pessoas comuns. Alguns exemplos disso podem ser vistos no *Teeteto* de Platão, quando Sócrates faz as seguintes considerações, entre outras do mesmo gênero: –

“Quando um filósofo ouve falar de dez mil acres como se fosse de uma grande propriedade de terra, ele a considera um ponto insignificante, porque está acostumado a contemplar todo o globo terrestre. E quando vê um homem orgulhoso da nobreza da sua estirpe porque pode contar uma série de sete antepassados ricos, o filósofo o considera uma

pessoa estúpida e ignorante, cuja mente não é capaz de chegar a um ponto de vista geral sobre a natureza humana, o qual lhe mostraria que temos todos inúmeros antepassados, e que entre eles há uma multidão de ricos e de pobres, de reis e de escravos, de gregos e de bárbaros”.²

Isso disse Sócrates, que foi considerado o mais sábio dentre todos os demais pagãos, porque suas noções estão muito próximas do Cristianismo.

Todos os partidos e os ramos da filosofia, ou conhecimento especulativo, são úteis a esse respeito, mas a *Astronomia é particularmente adequada para remediar um espírito pequeno e estreito*. Nessa ciência encontram-se boas razões para demonstrar que o Sol é cem mil vezes maior do que a nossa Terra, e que a distância das estrelas é tão prodigiosa que uma bala de canhão que continuasse o seu movimento à velocidade normal, não chegaria daqui até a estrela mais próxima no espaço de cento e cinquenta mil anos. Essas idéias dilatam e expandem maravilhosamente a mente. Há algo na imensidão dessa distância que abala e oprime a imaginação; ela é demasiado grande para que o intelecto humano a abarque: propriedades, províncias e reinos desaparecem em sua comparação. É lamentável que um certo príncipe³, que estimulou os seus súditos ao estudo daquela ciência, não tenha ele mesmo se dedicado a astronomia. Esta poderia ter lhe mostrado o quão desprezível é uma ambição que aspira a uma pequena parte daquilo que em si é apenas um ponto em relação à parte do universo que se encontra ao alcance da nossa visão.

Mas a religião cristã enobrece e alarga a mente mais do que qualquer outra profissão ou ciência. De acordo com essa doutrina, enquanto a terra e os prazeres transitórios desta vida se reduzem a dimensões mínimas, e são considerados como “a poeira de uma balança, a gota de um balde, de fato, menos que nada”⁴, o mundo intelectual se abre, amplamente à nossa visão: as perfeições da Divindade, a natureza e a excelência da virtude, a dignidade da alma humana se revelam com a máxima clareza. A mente humana parece adaptar-se à diferente natureza dos seus objetos; ela se desvaloriza e se restringe quando se ocupa de coisas pequenas e baixas, e experimenta uma ampliação proporcional quando se eleva à contemplação dessas ideias grandes e sublimes.

A grandeza das coisas é relativa; e isso não é verdade apenas a respeito da extensão, mas também a respeito da dignidade, da duração, e de todos os tipos de perfeição. A astronomia abre a mente e modifica o nosso julgamento em relação ao tamanho dos seres extensos; enquanto o cristianismo produz uma grandeza universal da alma. A filosofia

² Platão, *Teeteto*, 174c-175a.

³ Provavelmente Luiz XIV.

⁴ Isaías, 40,15-17.

aumenta os nossos pensamentos em todos os aspectos, mas o cristianismo os estende a um grau que excede a luz natural.

Quão insignificante o mais absoluto monarca sobre a terra deve parecer aos olhos que contemplam as inúmeras ordens dos espíritos bem-aventurados, diversos pela glória e perfeição! Quão desprezível deve parecer o prazer dos sentidos e as ocupações ordinárias dos homens mortais vistas por quem se dedica a uma busca tão nobre como a assimilação de si mesmo à Divindade, que é o emprego apropriado de cada cristão!

Não se deve pensar que o aperfeiçoamento que se obtém habituando a mente aos pontos de vistas abrangentes da religião não diga respeito completamente ao entendimento. Nada é mais eficaz para conter os movimentos desordenados do coração, e para regular da vontade. Se um homem age seguindo as próprias paixões ou a própria razão, estas são movidas primeiro por algum objeto que estimula a alma em proporção a suas dimensões aparentes. Então, os homens irreligiosos, cujas perspectivas limitadas são formadas a partir da terra, dos sentidos e da vida mortal, são incitados por essas idéias baixas a ações proporcionalmente medíocres e vis. Mas uma mente cujos pensamentos são iluminados e alargados pela religião é incitada a atividades mais nobres por objetos mais sublimes e mais afastados dos sentidos.

Não há nenhum exemplo de fraqueza nos livres-pensadores que suscite mais a minha indignação do que a sua pretensão de ridicularizar os cristãos como pessoas de inteligência limitada, e de passar eles mesmos aos olhos do mundo como pessoas de inteligência superior, e de visões mais amplas. Mas eu deixo que cada homem imparcial julgue quem possui os sentimentos mais nobres, quem possui as visões mais amplas: aquele cujas noções se limitam a alguns miseráveis dados dos sentidos, ou aquele cujos sentimentos se erguem acima do modo de sentir comum, antecipando para si mesmo essas delícias que saciarão a alma quando toda a capacidade de sua natureza se amplifica em novas faculdades? Aquele que não olha para além deste curto período de tempo, ou aquele cujas perspectivas são coextendidas à infinita duração da eternidade? Aquele que deriva seu espírito dos elementos, ou aquele que acredita que ele foi inspirado pelo Todo-Poderoso?
